

A POMERÂNIA É AQUI

ou “Vinho Novo em garrafa velha,
Vinho velho em garrafa nova!”

Ismael Tressmann/UFRJ
Joana Bahia/UFRJ (1999)

Nos últimos tempos, várias matérias tem sido publicadas sobre os pomeranos do Estado do Espírito Santo pela imprensa local, nacional e internacional.

Nelas, podemos observar um ênfase na abordagem que prima por valorizar somente alguns traços culturais, como se os pomeranos vivessem mergulhados num mundo à parte. Para citar alguns exemplos desta ideia, temos os seguintes trechos das matérias citadas acima: “Os pomeranos são loiros de olhos azuis”; “eles comem brote todo dia”; “plantam verduras”; “a mulher pomerana se orienta por um senso muito prático na organização de sua casa”; “produzem uma agricultura de subsistência (apenas para consumo próprio)”; “vivem uma vidinha simples como a de seus avós”; “eles se preocupam em salvar a tradição da extinção e lutam para manter a cultura de uma pátria que não existe mais”; “tudo em sua vida é típico; das batatas até as ferramentas”; “tradições cultivadas: língua e culinária”; “eles usam chapéu de feltro todos os dias”; “o chapéu de feltro é um ornamento exibido orgulhosamente pelos pomeranos”; “os fiéis continuam se dividindo dentro da igreja: mulheres sentadas de um lado e homens do outro lado”; ou ainda “pomeranos não sabem votar, porque não falam Português”.

Sabemos que os elementos da tradição são as nossas raízes, que devem ser valorizadas, contudo ninguém se alimenta de tradição ou dança o folclore o tempo todo. Não criticamos o folclore em si, mas o uso que as pessoas fazem disso, pois ao invés de valorizarem os pomeranos, acabam por torná-las pessoas “paradas no tempo e no espaço” sem terem vivido nenhum tipo de mudança social em suas vidas”. Questionamos a “folclorização dos pomeranos” feita por aqueles que teimam em descontextualizar os aspectos folclóricos de um grupo social da sua vigência cotidiana. Isolar a cultura de um povo como se esta existisse em separado da vida social é o mesmo que afirmar: “se o pomerano deixar de usar chapéu de feltro, ou de morar na roça ou de falar a língua pomerana, ele deixa de ser pomerano”. Será que isso é verdade?

Neste sentido, a cultura é vista como um conjunto de traços, dentre os quais se destacam a pureza e a autenticidade, sendo entendida como uma realidade estática, acabada e imutável. Todavia antes de ser um sistema acabado, fechado, a cultura é um processo dinâmico produzido no tempo histórico de acordo com uma situação social. Esta é construída, reinventada e recriada a todo momento; trata-se mais de um processo de interação do que de isolamento.

O tempo histórico relatado nas matérias parece que só andou na Pomerânia e na Europa, aqui no Espírito Santo ficaram somente aqueles que vivem no passado, sem previsão para o futuro. Os pomeranos não são “gente de outro mundo”, conforme anunciou a Revista Veja na matéria publicada no ano de

1994. Ressaltamos que os pomeranos não deveriam ser considerados tema para matérias que versam sobre “fatos exóticos” ou “curiosidades”, conforme aparece nas publicações da imprensa. Eles merecem o nosso mais profundo respeito.

Na época da matéria publicada na Revista Veja, um dos relatos feitos pelos pomeranos de Santa Maria de Jetibá foi o seguinte: “Nós somos tratados como gado selvagem (*wijlfai*)”; “falam que nós não sabemos falar o Português, mas o que querem dizer com isso é que não somos integrados, como se não vivêssemos neste mundo”.

Recordamos que no dia-a-dia das comunidades pomeranas, muitos reclamam das condições em que realizam o comércio na Ceasa, se preocupam com os preços das verduras, não possuem assistência médica, morrem “às moscas” de câncer, trabalham de sol a sol e quase nada recebem em retorno. Vemos meeiros sem terra, filhos sem herança, o alto índice de alcoolismo e a entrada de novas Igrejas na região, mostrando que muita coisa andou mudando entre os pomeranos. Eles não pensam somente em comida “típica”, dança “típica”, ou em falar uma língua “típica”.

Lembramos que só no Brasil existem cerca de 180 línguas e 220 povos e que a comunidade pomerana faz parte desse universo. A língua pomerana não é um universo tão “típico” como muitos pensam, basta observar que as diferenças culturais povoam o mundo e que nem por isso estão isolados em si mesmas. “Viver na roça”, falar uma língua distinta é a realidade de várias sociedades camponesas no mundo. Há elementos particulares e universais em todas as sociedades. Exaltar somente o aspecto folclórico, isolando-o de um contexto mais amplo é esquecer das mudanças sociais. As mudanças sociais ocorreram sempre em quaisquer sociedades do mundo.

Não podemos isolar uma parte do todo; devemos nos lembrar que a cultura e as condições materiais para a existência dos seres humanos são elementos que andam juntos. A dura realidade do cotidiano pode ser lembrada nas festas folclóricas, mas não podemos apenas nos deter neste aspecto.

A cultura de um povo é criativa na medida em que se transforma sob influência do cotidiano e dos problemas que se impõe a todo e qualquer momento. Tradição e mudança são elementos inseparáveis. Como por exemplo, se o convidador de casamento deixa de andar a cavalo e passa a fazer o convite de motocicleta, isso não significa que esteja havendo uma ruptura com o passado. A substituição do cavalo pela motocicleta não implica em que o convite não seja feito e o casamento não vá se realizar. Parafraseando o dito popular, lembramos então, a dinâmica dos fenômenos culturais: “vinho novo em garrafa velha, vinho velho em garrafa nova”. Mesmo que hajam rupturas, isto não indica necessariamente o fim do grupo e sim da mudança social que estão sendo processados. Existem várias formas de as pessoas se autoidentificarem como pomeranos, não é necessário “decorar” todas as chamadas tradições para ser um membro do grupo.

Outro aspecto a ser ressaltado é que reinventar tradições constitui parte do projeto de cada sociedade e de seus grupos que a todo momento buscam reavivar a identidade de um grupo. Quando uma dança é ensinada como dança típica, significa algo importante para se aprender sobre a história de um grupo e para lhes atribuir identidade. Mas devemos nos lembrar que isso não basta para definir um grupo.

Reviver a Pomerânia e as chamadas tradições eslavas e germânicas faz parte das atividades culturais das comunidades pomeranas. Mas este fato não significa que os pomeranos estejam saudosos da Pomerânia da Europa. Depois de muitos anos e de gerações de pomeranos no Brasil, a Pomerânia sonhada não é a Pomerânia do mar Báltico, mas aquela que foi criada no Brasil. As montanhas, a roça, as paisagens da Pomerânia são aquelas que foram construídas através da memória dos avós e do trabalho árduo na terra, desenvolvido no Estado do Espírito Santo. Muito mais do que sonhar com a mar Báltico, os pomeranos sonham acordados com a realidade que criaram no Brasil.

A Pomerânia é aqui!